

Desmatamento da Mata Atlântica cresce em dez estados

Aumento em um ano ultrapassa 400% em São Paulo e no Espírito Santo, e mais do que dobra no Rio de Janeiro e em Mato Grosso do Sul

Além de zerar o desmatamento, Atlas da Mata Atlântica aponta a necessidade de que a restauração do bioma se torne uma prioridade na agenda ambiental e climática

Entre 2019 e 2020, o desmatamento da Mata Atlântica se intensificou em dez dos 17 estados que compreendem o bioma: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceará, Alagoas, Rio Grande do Norte, Goiás, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Espírito Santo. Nos quatro últimos (RJ, MS, SP e ES), o aumento foi de mais de 100% em relação ao período anterior – sendo que em São Paulo e no Espírito Santo chegou a ultrapassar 400%. A manutenção do alto patamar de perda da vegetação nativa, com o crescimento do desmatamento em diversos estados, coloca o bioma em grande ameaça e reforça a necessidade de ações de restauração florestal.

As informações são do Atlas da Mata Atlântica, estudo realizado desde 1989 pela Fundação SOS Mata Atlântica e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), lançado na quarta-feira, 26 de maio, véspera da data em que é celebrado o Dia Nacional da Mata Atlântica (27/5). A execução técnica ficou a cargo da Arcplan.

No total, foram desflorestados 13.053 hectares (130 quilômetros quadrados) da Mata Atlântica no período – dado que, apesar de 9% menor que o levantado em 2018-2019 (14.375 hectares), representa um crescimento de 14% em relação a 2017-2018 (11.399 hectares), quando se atingiu o menor valor da série histórica.

Os três estados que mais desmataram no período anterior seguem no topo do ranking, embora mostrem ligeiras reduções em seus índices: Minas Gerais (de 4.972 para 4.701 hectares), Bahia (de 3.532 para 3.230 hectares) e Paraná (de 2.767 para 2.151 hectares). Junto de Santa Catarina e do Mato Grosso do Sul, respectivamente o quarto e o quinto da lista, eles acumulam 91% da perda de vegetação da Mata Atlântica entre 2019 e 2020.

“Mesmo que tenhamos uma diminuição de 9% do desmatamento em relação a 2018-2019, ali o aumento havia sido de 30%, então não podemos falar em tendência de queda”, explica Luís Fernando Guedes Pinto, diretor de Conhecimento da Fundação SOS Mata Atlântica. “Além disso, no que se refere à Mata Atlântica, 13 mil hectares é muito, porque se trata de uma área onde qualquer perda impacta imensamente a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos, como regulação do clima e disponibilidade e qualidade da água”, afirma.

Segundo ele, a grande preocupação é ver estados que já estiveram muito próximos de zerar o desflorestamento voltando a mostrar aumentos expressivos. “São Paulo e Espírito Santo são os maiores exemplos disso”, completa.

Oito dos 17 estados aparecem nessa condição próxima ao desmatamento zero, ou seja, menor de 100 hectares. Alagoas, Ceará, Goiás, Espírito Santo, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte. No período de 2017-2018 e de 2018-2019, nove estados apareciam com menos de 100 hectares desflorestados.

Enquanto nos estados que abrangem a maior parcela de desmatamento do bioma no país a ocupação agrícola pode ser apontada como principal vetor, em regiões como as de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde, proporcionalmente, o desmatamento se mostrou muito acentuado, a pressão está no entorno das áreas metropolitanas e no litoral – ocorrendo, acima de tudo, por conta da expansão imobiliária e pelo turismo.

Para Luís Fernando, o principal problema é a falta de fiscalização. “Os governos precisam fazer valer a Lei da Mata Atlântica, que não permite a conversão de áreas florestais avançadas, e garantir o desmatamento ilegal zero por meio do combate às derrubadas não autorizadas”, explica.

Um estado que chama a atenção é o Piauí, que teve uma queda drástica no desmatamento neste último período. Entre 2017-2018 aparecia no quarto lugar da lista, com 2.100 hectares, no período 2018-2019 foram desflorestados 1.558 hectares e neste último período, apenas 372 hectares, 76% de redução, caso a ser comemorado.

Desflorestamento (dec) da Mata Atlântica identificados no período 2019-2020 em comparação ao período anterior (em hectare):

UF	Área UF	UF na Lei MA	% UF na LMA	Mata 2020	% mata	dec mata 19-20	variação do anterior	dec mata 18-19
AL	2.783.066	1.523.382	55%	142.746	9,40%	7		
BA	56.476.046	17.988.591	32%	1.991.644	11,10%	3.230	-9%	3.532
CE	14.889.445	866.840	6%	63.489	7,30%	42	65%	25
ES	4.607.445	4.606.378	100%	482.260	10,50%	75	462%	13
GO	34.024.282	1.190.894	4%	31.177	2,60%	7	61%	5
MG	58.651.394	27.621.839	47%	2.814.998	10,20%	4.701	-3%	4.852
MS	35.714.708	6.386.440	18%	688.021	10,80%	851	127%	375
PB	5.646.724	599.370	11%	54.571	9,10%			85
PE	9.806.788	1.689.578	17%	192.309	11,40%	38	-52%	79
PI	25.175.549	2.661.852	11%	899.643	33,80%	372	-76%	1.558
PR	19.929.898	19.635.642	99%	2.314.954	11,80%	2.151	-22%	2.767
RJ	4.375.042	4.375.042	100%	819.868	18,70%	91	106%	44
RN	5.280.960	350.839	7%	12.136	3,50%	14		
RS	26.863.785	13.845.176	52%	1.083.234	7,80%	252	73%	146
SC	9.573.069	9.572.179	100%	2.183.862	22,80%	887	25%	710
SE	2.193.819	1.021.622	47%	69.100	6,80%	117	-16%	139
SP	24.821.948	17.071.791	69%	2.341.618	13,70%	218	402%	43
TOTAL	340.813.966	131.007.456	38%	16.185.632	12,40%	13.053	-9%	14.375

O levantamento é realizado pela Fundação SOS Mata Atlântica, uma organização não governamental, e pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia, Inovações e Comunicações, por meio de imagens de satélite e tecnologias na área da informação, do sensoriamento remoto e do geoprocessamento. O projeto é fruto de um convênio pioneiro, estabelecido em 1989, voltado a determinar a distribuição espacial dos remanescentes florestais e de ecossistemas associados da Mata Atlântica, monitorar as alterações da cobertura vegetal e gerar informações permanentemente aprimoradas e atualizadas desse bioma.

“Os avanços tecnológicos na área da informação, do sensoriamento remoto, do processamento de imagens de satélites e da geoinformática vêm contribuindo favoravelmente para a realização do Atlas, tornando-o mais preciso e detalhado, além de mais acessível ao público em geral”, afirma Silvana Amaral, coordenadora técnica do Atlas da Mata Atlântica pelo INPE.

O relatório completo do Atlas da Mata Atlântica 2019-2020 pode ser acessado em www.sosma.org.br e no www.inpe.br.

Todos os dados também estarão disponíveis no aplicativo www.aquitemmata.org.br, com mapas interativos e gráficos que trazem a informação atualizada sobre o desmatamento e o estado de conservação de florestas, mangues e restingas nos 3.429 municípios da Mata Atlântica.

Restauração como prioridade

Hoje a Mata Atlântica mantém apenas 12,4% de sua vegetação original – que se distribui por mais de 1,3 milhão de quilômetros quadrados (três vezes a área da Suécia). Além de a proporção estar muito abaixo do limite mínimo aceitável para sua conservação, que é, segundo estudo da revista *Science*, de 30%, as florestas naturais encontram-se restritas a espaços extremamente fragmentados (a maior parte não chega a 50 hectares) e, em 80% dos casos, encontram-se em propriedades privadas.

A situação vai na contramão de importantes referências internacionais que - pela conservação de sua rica biodiversidade e de seu potencial no combate às mudanças climáticas - apontam a Mata Atlântica como uma das prioridades mundiais para a restauração florestal. Mais do que isso, sua proteção e seu reflorestamento são fundamentais para a garantia de serviços ecossistêmicos em uma região que abriga 70% da população brasileira e responde por 80% da economia nacional.

Dessa forma, para a ONG, mais do que interromper o desmatamento da Mata Atlântica, é preciso, nesta que é a Década de Restauração de Ecossistemas da ONU, tornar sua recuperação uma prioridade na agenda ambiental e climática.

“A restauração de ecossistemas é uma solução baseada na natureza para alcançarmos o cenário de redução de 1,5°C de aquecimento global estabelecido no Acordo de Paris. As maiores e mais baratas contribuições que o Brasil pode dar ao combate das mudanças climáticas são as soluções baseadas na natureza. E o caso da Mata Atlântica tem tudo para se tornar uma referência para a proteção e recuperação de florestas tropicais e hotspots ameaçados. Sua restauração geraria benefícios não só para a população e a economia nacionais, mas também para o planeta e a humanidade como um todo”, aponta Guedes Pinto, diretor da ONG.

Para Malu Ribeiro, diretora de Políticas Públicas da SOS Mata Atlântica, é fundamental que os estados que compõem o bioma vejam na década da restauração uma oportunidade para regenerar e recuperar a floresta. “Deveríamos estar comemorando a renovação, porém ainda estamos falando sobre como conter o desmatamento, que não para de crescer”, alerta. “A

sociedade e os gestores precisam encarar essa como uma agenda estratégica para o Brasil principalmente em relação às emergências climáticas.”

A Fundação SOS Mata Atlântica promove iniciativas que estão entre as que mais contribuem para a restauração do bioma no país, contabilizando cerca de 42 milhões de mudas de árvores nativas plantadas e cerca de 23 mil hectares restaurados em nove estados – uma área equivalente ao território de Recife (PE).

Parcerias para a restauração

YPÊ

A Ypê, marca brasileira de produtos de higiene e limpeza, desenvolve há mais de uma década uma parceria com a Fundação SOS Mata Atlântica que já realizou o plantio de mais de 1 milhão de árvores nativas, beneficiando um total de 20 municípios paulistas. O projeto, chamado Florestas Ypê, contribui para recuperar áreas degradadas da Mata Atlântica em propriedades rurais que precisam cuidar de suas Áreas de Preservação Permanente, reservas legais ou ainda restaurar outras áreas para estar em acordo com o Código Florestal Brasileiro e com a Lei da Mata Atlântica.

NESPRESSO – parceria para recuperação de São Sebastião da Grama (SP)

Atualmente, cerca de 80% do que resta de Mata Atlântica está em mãos privadas. Por isso, o cuidado e investimento por parte de proprietários e da iniciativa privada também é fundamental. A **Nespresso**, marca líder em cafés porcionados de alta qualidade sustentável, em parceria com a SOS Mata Atlântica, realiza desde 2019 a recuperação da paisagem da região da bacia do Rio Pardo, no município de São Sebastião da Grama (SP). A região, da qual advém grande parte dos cafés adquiridos pela marca, vem ganhando uma nova paisagem nos últimos anos. De acordo com o Atlas, São Sebastião da Grama, município escolhido para o plantio, tinha apenas 8,87% de remanescentes de Mata Atlântica e, com a iniciativa, esse número subirá para 12%. O projeto prevê, no total, a restauração de 277 hectares e até 700 mil mudas de árvores nativas plantadas, incluindo a recuperação e proteção de nascentes.

A **Nespresso** já investiu US\$ 170 mil, cerca de R\$900 mil, na iniciativa e até o momento, foram plantadas mais de 70 mil árvores de mais de 60 espécies nativas – como trema, ipês, jequitibá,

palmito-jussara, louro-pardo, angico, cereja-do-rio-grande, entre outras –, em 30 hectares. “A nossa estratégia está voltada para criar impactos positivos para todos” diz Guilherme Amado, Líder do Programa **Nespresso** AAA de Qualidade Sustentável™ no Brasil. “Temos um compromisso com o meio ambiente e nossa parceria com a SOS Mata Atlântica surgiu, pois, as fazendas de café com as quais trabalhamos estão bem em termos de preservação florestal, por conta da política de produção sustentável da **Nespresso**, e queremos expandir estas práticas para os vizinhos, melhorando toda a paisagem do Vale da Gramma. Para que o sistema seja completamente sustentável é importante ver e cuidar do entorno”.

Algumas fazendas que tem outro tipo de atividade, como criação de gado, produção de oliveiras ou macadâmias, embora não trabalhem diretamente com a **Nespresso**, também são contempladas com a iniciativa. A reconstrução florestal tem a proposta de ajudar a todos em termos de solos, biodiversidade, carbono e disponibilidade de água.

A marca mantém o Programa **Nespresso** AAA de Qualidade Sustentável, com acompanhamento da produção de cafés ao redor do mundo, do plantio à colheita, do beneficiamento dos grãos à reciclagem, mostrando o profundo cuidado por trás de cada xícara. O relacionamento direto com as fazendas garante um fornecimento de café de alta qualidade de longo prazo, produzido de maneira sustentável e regenerativa. Atualmente, mais de 110 mil fazendas parceiras em 17 países. As fazendas são auxiliadas por mais de 450 agrônomos, que os ajudam a cultivar o café de forma ambiental, social e economicamente sustentável. Hoje, 100% do café no Brasil é adquirido de maneira sustentável.

Sobre a Fundação SOS Mata Atlântica

A Fundação SOS Mata Atlântica é uma ONG ambiental brasileira que tem como missão inspirar a sociedade na defesa da Mata Atlântica. Atua na promoção de políticas públicas para a conservação do bioma mais ameaçado do Brasil por meio do monitoramento da floresta, produção de estudos, projetos demonstrativos, diálogo com setores públicos e privados, aprimoramento da legislação ambiental, comunicação e engajamento da sociedade.

Sobre o INPE

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) foi criado em 1961 com o objetivo de capacitar o país nas pesquisas científicas e nas tecnologias espaciais. Ao longo dos anos, suas atividades se ampliaram e a importância dos estudos vão desde assuntos complexos sobre a origem do Universo a aplicações de ciências como nas questões de desflorestamento das nossas matas.

Contatos de imprensa

Pensata Comunicação & Cultura

João Veiga | joao@pensataconteudo.com | +55 21 99987-609

Renata Rodrigues | rcarvalhorodrigues@gmail.com | + 55 21 98038-2376